

# PERCURSOS DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA COM A POÉTICA DO CORPO E DO GESTO NA CRIAÇÃO DO GRUPO DE TEATRO E COMPANHIA PAULO FREIRE

Rosilene da Costa Bezerra Ramos

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: [rosilenerb@hotmail.com](mailto:rosilenerb@hotmail.com)*

Charles Lamartine de Sousa Freitas

*Faculdade Diocesana de Mossoró: [Charles.lamartine@gmail.com](mailto:Charles.lamartine@gmail.com)*

Rosa Maria da Costa Siqueira

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: [rosabenicio@hotmail.com](mailto:rosabenicio@hotmail.com)*

Magnólia Maria Oliveira Costa

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: [magnoliamarinho@hotmail.com](mailto:magnoliamarinho@hotmail.com)*

Orientadora: Ana Lúcia Oliveira Aguiar

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: [oliveiraaguiarpetro@gmail.com](mailto:oliveiraaguiarpetro@gmail.com)*

## Resumo

Este texto ergue-se da experiência com a poética do corpo e do gesto<sup>1</sup> na criação do Grupo de Teatro Paulo Freire e Companhia, desenvolvida na disciplina Movimentos Sociais e Educação Popular pela professora Dra Ana Lúcia Oliveira Aguiar e um grupo de alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio grande do Norte. Objetivamos narrar a experiência formativa proporcionada pela arte teatral experimentada nas atividades e oficinas de construção e composição da cena teatral propostas no projeto. Com ênfase nas narrativas construídas a partir de uma abordagem (Auto)biográfica utilizamos o método (Auto)biográfico como caminho metodológico, considerando as narrativas de si como práticas de formação. Os teóricos que norteiam nossas discussões colocam a subjetividade do autor como fonte de produção de conhecimento e discutem aspectos importantes para a compreensão e reflexão do estudo. O referencial teórico central alicerça-se em Paulo Freire, “Pedagogia da Autonomia”, em sua ideia de que ensinar exige respeito à autonomia do ser. A motivação pela temática surgiu a partir da vivência de um significativo momento para nossa formação acadêmica: o convite para integrar um grupo de teatro voltado para a educação popular. A arte teatral promove ensinamentos culturais, ações colaborativas, trocas e construção de conhecimento. Contatamos a riqueza da experiência vivenciada com o teatro enquanto potencializadora de aprendizagem e autoconhecimento do ser humano.

**Palavras-chave:** NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS, GRUPO DE TEATRO E COMPANHIA PAULO FREIRE, AUTOFORMAÇÃO.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> A experiência teve início no mês de outubro do ano de 2016.

Inspirados pelas palavras de Freire (1996, p.21), quando nos lembra a respeito da “experiência de abertura como experiência fundante do ser que se descobre inacabado, e se abre ao mundo inaugurando uma relação dialógica, confirmando sua inquietação e curiosidade”, o presente texto ergue-se da experiência com a poética do corpo e do gesto<sup>2</sup> na criação do Grupo de Teatro e Companhia Paulo Freire, desenvolvida pela professora Dra Ana Lúcia Oliveira Aguiar e um grupo de alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio grande do Norte. Objetivamos narrar a experiência formativa proporcionada pela arte teatral experienciada nas atividades e oficinas de construção e composição da cena teatral propostas no projeto.

Como referencial central nos alicerçamos no educador Paulo Freire, “Pedagogia da Autonomia”, em sua ideia de que ensinar exige respeito à autonomia do ser. A motivação pela temática surgiu a partir da vivência de um significativo momento para nossa formação acadêmica: o convite para integrar um grupo de teatro. A arte teatral promove ensinamentos culturais, ações colaborativas, trocas e construção de conhecimento. Contatamos a riqueza da experiência vivenciada com o teatro enquanto potencializadora de aprendizagem e autoconhecimento do ser humano.

Este artigo está estruturado em três tópicos e seguirá a seguinte sequência: no primeiro tópico **Ato I – A gente não quer só comida ... A gente quer diversão e arte - Memórias de uma infância embalada pela arte popular** apresentaremos um recorte da história de vida de uma das autoras, como mote a narrativa das lembranças da sua infância marcada pelo envolvimento com a magia e beleza do circo e pela arte popular desde a mais tenra idade. No segundo, **Ato II - Á sombra daquela Mangueira: o prelúdio de um voo coletivo traremos** à baila as narrativas emanadas do encontro com os sujeitos responsáveis por concretizar a experiência estética da linguagem teatral com os autores do estudo. O terceiro e derradeiro tópico, **Ato III– Nossos Encontros e Oficinas: um celeiro de aprendizado**, dedicaremos aos registros da construção do espetáculo e dos momentos formativos experienciados nas oficinas e ensaios. O tópico ainda tece reflexões acerca do momento do encontro do grupo de teatro com os espectadores e a estreia do espetáculo.

### **Metodologia**

Para a construção do estudo, utilizei a escrita de si como caminho metodológico, fundamentada na metodologia (auto) biográfica, tendo como referencial teórico, para subsidiar o nosso entendimento, os pressupostos do educador Paulo Freire.

---

<sup>2</sup> A experiência teve início no mês de outubro do ano de 2016.

Com ênfase nas narrativas construídas a partir de uma abordagem autobiográfica utilizamos a abordagem qualitativa de investigação ancorada no aporte teórico do método (Auto)Biográfico como caminho metodológico, considerando as narrativas de si como práticas de formação. A fundamentação teórica é oriunda de uma literatura que nos apresenta uma significativa relevância sobre o método (Auto)Biográfico e discussões sobre acerca do desenvolvimento profissional (JOSSO, 2010; PASSEGI, 2003; SOUSA, 2006 e FREIRE 1997). Esses autores colocam a subjetividade do sujeito como fonte de produção de conhecimento e discutem aspectos importantes para a compreensão e reflexão do estudo.

As narrativas (auto)biográficas lançam um convite de ativa participação do indivíduo no processo investigativo de sua prática, colocam-o como protagonista nesse processo reflexivo. Como assinala Josso (2010), as narrativas autobiográficas possibilitam a (auto) formação dos sujeitos, cuja reflexividade e o processo de memória promovem a tomada de consciência de si e do outro. Elas permitem reconhecer o homem como ser de razão e de emoção, além de fazer emergir os aspectos conscientes e inconscientes das relações existentes na formação. O trabalho com o método (auto) biográfico possibilita um exercício de escuta, uma ação na qual o sujeito da pesquisa escuta suas próprias experiências, analisa suas ações e age sobre elas com intuito de mediar à construção de um conhecimento significativo para si e para o outro.

## **Resultados e discussões**

### **Ato I – A gente não quer só comida ... A gente quer comida diversão e arte - Memórias de uma infância embalada pela arte popular**

No percurso de nossa vida experimentamos, conhecemos e aprendemos infinitos saberes. Em cada saber, fazer, sentir e viver, acumulamos experiências que marcam a nossa alma e ficam em nossas memórias. Ao receber o convite da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar para fazer parte da experiência com a linguagem cênica, surgiram em minha mente os aromas do tempo de infância. Senti o desejo de resgatar e registrar minhas memórias que foram acessadas pelo convite, sem naquele instante, ter a consciência do porquê.

Ao rememorar fatos da minha vida, dos fios da minha memória, feito alfenim<sup>3</sup>, fui puxando as memórias, logo senti a relação da sensação de felicidade com o convite e as memórias acessadas. As lembranças traziam consigo os aromas das artes. Das reminiscências

---

<sup>3</sup> **Alfenim** ou **alfinim** é o nome dado a uma massa branca de açúcar e óleo de amêndoa doce. Um doce muito comum, vendido nas feiras livres das cidades nordestinas.

do tempo de criança, as memórias embaldas pela poética do mistério e magia do circo percebo os meus primeiros contatos e aproximação com as artes. Vida e Arte entrecruzam-se.

Na década de 70, quando criança morei em um bairro rodeado por ternos baldios, território propício à montagem do circo com sua palhaçaria. De tempo em tempo chegava no bairro alguma companhia circense. A beleza da arte do circo me seduzia a ponto de sonhar e desejar o modo de viver nômade aquela gente. Queria ir embora, acompanhar o circo, o sonho da aventura, alcançar quilometragens mundo a fora. O, *Senhora e Senhores! Respeitável público* me fazia ferver nas veias a liberdade de me tornar o que se quisesse ser. Memória que se dilata ao relembrar o sabor de acompanhar a frenética movimentação em torno da lona antes do início dos espetáculos. O vai e vem das pessoas, crianças eufóricas corriam e o cheiro da pipoca. Do fascínio pelo cotidiano circense o meu ser transborda de afeto e paixão por essa arte milenar.

Encharcada pelas memórias da infância, rememoro um momento marcante em minha vida. Com idade de cinco anos, fiz uma viagem à terra natal da minha mãe, Apodi/RN. Lá, fiquei seis meses na casa de uma tia materna. As lembranças dessa experiência são muito vivas: as brincadeiras com os primos (pega-pega e cozinhadinho); colher manga nas árvores; e as carreiras no meio das plantações.

Pela manhã, antes dos raios de sol baterem na janela grande de madeira maciça, as canções sertanejas transmitidas pelo rádio à pilha anunciavam a chegada do novo dia. Sofria ouvindo as músicas de Luíz Gonzaga, Assum Preto e a Triste Partida. Construía na mente a cena do sofrimento do pássaro da canção. Segundo a letra da canção o pássaro teve os olhos perfurados e assim cantava de dor. À noite, as rodas no alpendre da casa grande, à luz do luar ou de uma lamparina, envolviam crianças e adultos, na debulha do milho e feijão, atividade regada pelas histórias de trancoso<sup>4</sup> e o recitar dos romances e versos de cordel. Desse modo, as portas do rico universo da cultura popular se abriram para mim, pelas vozes e narrativas poéticas da vizinhança. Começou o meu fitar com o cordel, forma de poesia tradicionalmente conhecida como poesia popular.

Naquele cenário camponês, os versos tomavam conta do meu encantamento. A entonação da voz, a cadência e as longas gargalhadas davam vida aos versos sobre os mais diversos temas que bailavam do flagelo da seca aos romances dos amores proibidos. Viajávamos ao mundo do

---

<sup>4</sup> Houve um escritor português, colecionador de contos, que tinha por sobrenome Trancoso. Trancoso teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos e fábulas. Hoje em dia, história de trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário. Muitos contos infantis são classificados como histórias de trancoso. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/trancoso/>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

cangaço, aos temas da religiosidade e histórias de assombração. O cordel, considerado um dos principais representantes da poesia popular nordestina, eram trazidos para as rodas, sendo adquiridos na feira da cidade de Apodi (RN). Todo esse universo me encantava e aguçava o meu imaginário. As personagens dos poemas pareciam também fazer parte da vizinhança

Ainda da década de 70, recordo os shows de cantoria realizados por um vizinho da família, proprietário de um bar. Na calçada do estabelecimento, semanalmente, os cantadores de viola se reuniam. Após as apresentações, passavam o chapéu como forma de arrecadar o cachê. Homens, mulheres e crianças disputavam um lugar na calçada do repente do Bar dos Amigos. Em várias ocasiões, na referida calçada, assisti às apresentações do poeta mossoroense Luíz Campos<sup>5</sup>, reconhecido e considerado um dos maiores repentistas do Brasil. Dono de um rico imaginário sua narrativa poética envolvia os ouvintes. Os seus poemas apresentavam uma forte crítica aos problemas sociais e, ao mesmo tempo, tornavam as nossas noites mais poéticas, belas e leves. Letrista, violeiro e repentista, “o poeta”, como era carinhosamente chamado, fazia parte do meu ciclo de vizinhança, pois possuiu residência fixa no bairro Lagoa do Mato até 2013, ano de seu falecimento. Cresci ouvindo o poeta Luiz Campos improvisar sextilhas e realizar uma leitura performática dos cordéis. Momentos que alimentaram o meu imaginário e fizeram parte do enredo que me compõe.

Ao refazer os caminhos percorridos em minha infância - tarefa dolorosa no início do trajeto, porém instigante e prazerosa -, pude (re)compor traços básicos da significação da minha ligação com as artes e descobrir que ela faz parte da minha história. Essa viagem, por meio da narrativa (Auto)biográfica me proporcionou acessar memórias e acervos desveladores para a compreensão do meu “eu” nas diferentes dimensões.

### **Ato I- Á sombra daquela Mangueira: o prelúdio de um voo coletivo**

Assumir-se sujeito de possibilidades para o outro é dito, repisado e vivido na prática pela professora Dr Ana Lúcia Oliveira Aguiar, responsável por nossa incursão nas atividades de amplitude acadêmica e humana. Retomo minhas lembranças de meados do ano de 2016. Na Disciplina Tópicos Especiais Memória, Formação e Pesquisa (Auto) Biográfica 2016.1, do Programa do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio grande do Norte, na programação dos Seminários propostos pela ministrante da disciplina a professora Dra Ana

---

<sup>5</sup> Filho do operário João de Oliveira Campos, natural de Martins, e da dona de casa e rezadeira Maria de Oliveira Campos, natural de Governador Dix-Sept Rosado, o violeiro e cordelista Luiz de Oliveira Campos (Luiz Campos), nascido em Mossoró-RN, no dia 11 de outubro de 1939, registra, na literatura de cordel, a sua vocação para poesia, descoberta ainda na infância. Disponível em: <http://portalnoar.com/>. Acesso em: 21 de outubro de 2016.

Lúcia Oliveira Aguiar, teríamos para aquele preciso dia 08 de abril, uma discussão sobre Memória Coletiva e Memória Histórica com base na obra do sociólogo Maurice Halbwachs.

O grupo responsável por promover a discussão era composto por componentes de uma companhia de teatro de rua da cidade de Mossoró/RN. Nossos colegas de sala dão vida ao Grupo Arruaça<sup>6</sup> de teatro. Para a apresentação do seminário organizaram uma dinâmica muito criativa e com a linguagem cênica e a partir da cultura local mossorenses promoveram uma reflexão com os conceitos de memória coletiva e memória histórica defendidos por Halbwachs. Para o autor a memória deve ser concebida não apenas como capacidade de lembrar e estabelecer interações entre fatos, sujeitos e acontecimentos, mas, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social. Halbwachs (1990). Defende que “[...] toda história de nossa vida faz parte da história em geral” (p.62), pois a trajetória e a história de um sujeito estão sempre em intercomunhão com um contexto social, com um coletivo. Após a discussão e o contato com a poética da linguagem cênica, a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, remexeu no seu baú de lembranças, evocou lembranças, memórias e como num fio que tece caminhos trouxe à baila as narrativas do momento do seu encontro com o Grupo Arruaça de Teatro.

Ancorada em suas memórias a professora contou-nos sobre o encontro ocorrido próximo ao adro da Capela de São Vicente, no mês de junho de 2015, ocasião em que o Grupo Arruaça de Teatro participava do elenco do espetáculo Chuva de bala no país de Mossoró. Realizado anualmente o evento festeja uma data histórica para o município de Mossoró/RN. Segundo a história oficial, ano de 1927 o povo de Mossoró saiu vitorioso ao ataque do bando de Lampião<sup>7</sup>. Inspirada pelas significações das histórias dos sujeitos e os espaços da vida cotidiana, a educadora reservou aquela noite para assistir a trama.

Ao término do espetáculo, o palco oficial cede lugar ao espetáculo da vida. O Arruaça e Ana Lúcia Aguiar são apresentados e à luz do fim de noite, prosearam horas a fio. Ao revisitar suas memórias, a professora contou-nos sobre emoções, sentimentos e as aprendizagens

---

<sup>6</sup> É uma entidade civil organizada, sem fins lucrativos, o Grupo Arruaça foi fundado, em 1985, por jovens que brincavam de teatro nas escolas e em outros lugares. A paixão comum pelo teatro levou o coletivo ao encontro diário em busca de novas informações, pesquisas, experimentos, estudos... e a brincadeira virou coisa séria, virou Arruaça.

<sup>7</sup> Virgulino Ferreira da Silva, conhecido popularmente pelo apelido de Lampião, foi o principal e mais conhecido cangaceiro brasileiro. Nasceu na cidade de Serra Talhada (PE) em 7 de julho de 1898 e faleceu em Poço Redondo (SE) em 28 de julho de 1938. Ficou conhecido como o "rei do Cangaço". Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/biografias/lampiao.htm>. Acesso em 19/01/2017.

construídas. Contou-nos o encontro com o outro e narrou a si. Sua narrativa nos fez mergulhar nos aromas, sabores, cores e formas daquele momento.

Interessa destacar, esse encontro como um momento prenhe de possibilidades para muitos outros sujeitos que se entrelaçaram em oportunidades formativas por meio da linguagem cênica. De volta à sala de aula, concluímos a disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto) biográfica no primeiro semestre de 2016. No semestre seguinte, nossos caminhos com o Arruaça se cruzam mais uma vez. Movidos pelo desejo de bebermos na fonte do ideário freireano, juntos cursamos a Disciplina Tópicos Especiais Práticas Educativas na esteira de Paulo Freire, ministrada pela professora Dra Ana Lúcia Oliveira Aguiar também no Programa do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio grande do Norte

Na disciplina, a professora nos oportunizou a construção de saberes a partir da relação e teoria e prática, ambas indissociáveis, “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo.” (FREIRE, 1996, p.24) Como trazer à tônica a abordagem freirena de modo a não ressignificar a nossa prática?

Iniciamos as discussões em um cenário repleto de sentido para o grupo, tomo emprestado o título do livro de Freire (1995) *Á sombra desta mangueira*, pois uma frondosa mangueira, no pátio da faculdade de educação da UERN testemunhou as reflexões e descobertas erguidas na disciplina citada anteriormente. Nosso percurso formativo na esteira de Freire, emanou de uma vivência prática à luz do seu ideário. A educação acontece onde a vida pulsa, ela transcende o espaço formal de uma sala de aula. O homem ser histórico e cultural aprende na rua, na praça, no campo, na escola e em qualquer outro lugar. Aprende porque é um ser social, porque se faz no diálogo, com outro e com o próprio mundo (FREIRE, 2005).

O educador Paulo Freire em sua obra *Á sombra desta mangueira*, retrata aquela árvore com símbolo de reencontro e recriação, a nossa mangueira abarca esse potencial. Símbolo do início da nossa caminhada nas aulas, os seus galhos, folhas e frutos testemunharam o que consideramos marco fundante da nossa experiência transformadora com o teatro, objeto de estudo deste texto.

Em uma tarde do dia 17 de outubro de 2016, conforme a programação da disciplina, fora proposto um debate sobre “Educação para Além da Sala de Aula”, fundamentado na obra *Política e Educação* de Paulo Freire. Estudo organizado e problematizado pelos componentes do Grupo Arruaça de Teatro. A experiência do estudo propiciou uma construção de saberes que consolidou o respeito à diversidade e à capacidade dialógica. Uma discussão entrelaçada pela

poética do gesto e da palavra com a participação de todos. Ao fim do recital de poemas, aplausos para o grupo e um silêncio toma conta do espaço. Este rompido pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar. De inigualável olhar sensível, a educadora nos lançou o convite. Ela e o Grupo Arruaça iriam promover encontros e oficinas fundamentados na interação entre os sujeitos, na troca e construção de saberes a partir da linguagem teatral.

O convite nos fez alçar voos. Voar no diálogo com o outro e consigo mesmo. Um convite à imaginação criadora. Naquele espaço, à sombra daquela mangueira fincamos a pedra fundante da nossa experiência visual, estética e expressiva com a arte do teatro. Estampava-se a criação do nosso grupo. Esta, enredada em ato mais adiante.

## **Ato II – Nossos Encontros e Oficinas: um celeiro de aprendizado**

Os fragmentos dos registros dos momentos formativos experienciados nas oficinas e ensaios com o grupo de teatro em construção, apresentam um relato reflexivo da iniciação de aprendizes na aventura de reinventar-se. Ao lançar-nos ao novo desafio algumas questões nos inquietavam. Como iríamos construir e dar vida a proposta de fazer teatro? O que queríamos comunicar com a proposta? Por que dialogar com essa forma de expressão artística é importante?

No início das oficinas percebemos a prática do Grupo Arruaça arraigada aos pressupostos do educador Paulo Freire. O trabalho se caracterizou como um processo colaborativo, todos os seus partícipes experimentavam “a horizontalidade nas relações entre os criadores do espetáculo teatral” (ABREU, 2004, p. 01),

Cada encontro valorizava o diálogo entre diferentes formas culturais como parte de um amplo processo de troca. O diálogo, nascido na prática da liberdade, enraizado na existência, comprometido com a vida. Nos explica (FREIRE, 2005, p. 91).

O diálogo é este encontro dos homens, imediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito.

A relação dialógica marcou as oficinas de teatro. Parte da trupe não tinha experiência alguma com o teatro. Dos doze participantes, quatro compõem o Arruaça, mas todos tinham direito a palavra e o seu saber valorizado.. Um outro ponto aproximador da prática do Grupo Arruaça ao ideário freireano, diz respeito ao reconhecimento dos sujeitos como produtores de cultura e protagonistas de sua história. Nos momentos das oficinas, os trabalhos propostos

partiam do entendimento de que o ser humano aprende com toda a sua corporeidade, educar é inventar espaços para que as suas vivências possam construir novas experiências do processo de conhecer. Não havia por parte de quem estava à frente dos trabalhos a visão de detentor do saber, mas de um sujeito mediador de situações através das quais todos pudessem avançar em sua condição de aprendente.

O primeiro registro das oficinas, iniciamos com a experiencição. Experienciamos os jogos dramáticos e dinâmicas de expressão corporal. A respeito de experiência Larrosa (2002, p. 25) assevera “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriamo-nos de nossa própria vida”. A experiência gera conhecimentos e possibilita reflexões acerca daquilo que se faz.

Os jogos dramáticos impulsionaram o conhecimento sobre as possibilidades do nosso corpo e a capacidade expressiva e interpretativa. As dinâmicas e discussões nutriam um diálogo sensível. A reflexão nos possibilitava um conhecer a nós mesmos, um mergulho dentro de si amplificado na dimensão coletiva com o aprimoramento das relações humanas e de abertura ao outro. Segundo Kosik:

A arte, no sentido próprio da palavra, é ao mesmo tempo desmistificadora e revolucionária, pois conduz o homem desde as representações e os preconceitos sobre a realidade, até a própria realidade e à sua verdade. Na arte autêntica e na autêntica filosofia revela-se a verdade da história: aqui a humanidade se defronta com a própria realidade. Qual é a realidade que na arte se revela ao homem? Talvez uma realidade que o homem já conhece e da qual deseja apenas apropriar-se sob outra forma, isto é, representando-a sensivelmente? (KOSIK, 1994, p.130)

É possível perceber uma vivência subjetiva intensa por meio das artes. Elas nos dão o prazer de entender e conhecer melhor o mundo e nós mesmos.

Retomo a um questionamento inicial: Como iríamos construir e dar vida a proposta de fazer teatro? Na construção de nós mesmos no engajamento individual e coletivo. Paripasso aos momentos de exploração corporal e interpretativa, a professora propôs pensarmos sugestões para o nome do nosso grupo de teatro e em textos para as oficinas de construção e composição da cena teatral. Por nossa pertença identitária com o sertão, os textos deveriam ter os aromas e as tramas da cultura nordestina.

Na poética do teatro colaborativo chegamos ao consenso, desfiaríamos os enredos dos romances e versos da literatura de cordel. Definimos como nosso primeiro o texto o cordel “O ataque de Mossoró ao bando de Lampião” do cordelista mossoroense Antônio Francisco<sup>8</sup>.

Citamos em tom declamatório alguns dos versos do cordel que marcou a estreia do nosso grupo de teatro.

Nos dias que não consigo, (sic)  
escrever nenhuma linha,  
eu visto a minha camisa,  
e vou para o bar de Deinha,  
tomar cana e palestrar, (sic)  
com meu amigo Lulinha.  
[...]

Lulinha dá de olé na cartilha do saber.  
Sabe história de Trancoso  
pra dar, trocar e vender.  
Duvido que eu volte de lá,  
sem nada para escrever.  
E foi Lula quem me disse, (sic)  
[...]

que tinha achado um caderno,  
que tinha a data marcada,  
muito antes do inverno, s  
sobre um evento que houve  
em um dos palcos do inferno.

(ANTONIO FRANCISCO, 2006, p. 1- 5,- 6 - 8)

Os afetos desses versos perfumam a nossa memória. As lembranças vislumbram o encontro entre plateia e artistas. O cordel escolhido retrata o cangaço, prenhe de sentido para o grupo e para a realidade local. O texto é representativo do lastro do contexto histórico do município de Mossoró, conhecido por derrotar o bando de Lampião.

Os ensaios se intensificaram, já tínhamos a data da apresentação da nossa primeira performance cênica. Faríamos parte do momento cultura de abertura no dia 07 de dezembro de 2016, do III Seminário Potiguar Educação, Diversidade, Acessibilidade e Direitos Humanos,

---

<sup>8</sup> Antônio Francisco é cordelista norte-rio-grandense, nascido aos 21 de outubro de 1949, em Mossoró – RN. Aventureiro e esportista, dedicou-se ao ciclismo, realizando turismo de bicicleta pela região Nordeste do nosso país continental. Somente voltou-se para a literatura popular aos 46 anos, quando escreveu sua primeira poesia, *Meu Sonho*. O texto apresenta traços impressionistas e surrealistas. Apesar da carreira literária tardia, é reconhecido publicamente pela musicalidade de seus poemas, passando a ser alvo de estudo de vários compositores brasileiros. O reconhecimento da qualidade da sua produção levou-o a ser eleito para a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), em 15 de maio de 2006, onde ocupa a cadeira de número 15, cujo patrono é o poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré. Disponível em <https://memoriasdapoesiapopular.wordpress.com/2014/12/03/poeta-joao-ferreira-de-lima-sintese-biografica/>. Acesso em: 10/09/2016.

evento promovido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Na etapa de ensaios finais, no dia 04 de dezembro, um momento reflexivo nos permitiu a criação do nome para a nossa companhia de teatro: Grupo de Teatro e Companhia Paulo Freire.

Na esteira de Freire como tudo começou, ao fim de um processo de criação relativamente curto, a materialidade expressiva por meio da linguagem cênica, da dança e da linguagem musical. Em cena o Grupo de Teatro e Companhia Paulo Freire com o espetáculo: O ataque de Mossoró ao bando Lampião. A professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar personificou Maria Bonita e nós os seus cangaceiros. Sentimentos e emoções trasbordam. Ensaio nenhum nos deu o mote da intensidade de sentimentos experimentados ao nos encontrarmos diante dos espectadores. Experiência no falar de Larrosa (2002) como algo que nos passa e nos deixa marcas. O substrato essencial dessa experiência foi a marca de explorarmos os próprios limites.

Duas semanas após a estreia nos reunimos para a avaliação da empreitada. O grupo foi unânime: a ousadia, o empenho coletivo e a boniteza do processo não nos deixam dúvidas, fomos fisgados pela experiência teatral enriquecedora como processos de formação e autoformação. A arte é um dos mais poderosos recursos culturais para o desenvolvimento da subjetividade humana, ela exerce forte influência na formação do indivíduo, contribuindo assim para a visão e realidade do mundo. Continuaremos no lastro de novas experimentações e construções.

### **Conclusão:**

No dizer do professor Carlos Rodrigues Brandão(1981) não existe uma única educação mas sim “educações”, pois ela está presente em todos os lugares e permeia o cotidiano das pessoas, "existe misturada com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor" (BRANDÃO, 1981, p. 19). Nosso estudo apresenta as narrativas de uma experiência cênica vivenciada pelos autores com um grupo de teatro formado por atores e não atores na cidade de Mossoró/RN. Uma experiência de educação misturada a vida. O ato de narrá-la permitiu-nos compreender sobre a nossa trajetória de vida e nosso processo de construção de saberes. As narrativas construídas carregadas de emoção, evidenciam a vivência de uma prática significativa de aprendizagem marcada pela emancipação dos sujeitos.

Ao adentrarmos no universo da linguagem teatral, por meio de uma experiência calcada no ideário freireano aprendemos sobre cultura, ações colaborativas, trocas e construção de conhecimento e desenvolvimento da dimensão humana. Trilhar caminhos para buscar conhecer, entender e construir reflexões sobre a dimensão da estética na vida humana por meio das artes cênicas nos possibilitou a superação de limites e o autoconhecimento.

Fica a esperança de que a história de superação e reinvenção de si de sujeitos em permanente busca pelo aperfeiçoamento pessoal e profissional sirva a outrem, não como verdade absoluta, mas um contributo potencializador de formação e autoformação, pois aprendemos com as vivências dos diferentes sujeitos. Considero então, essa pesquisa que por ora finda, bem infinita de abordagens, de interesses e de possibilidades de criação.

### **Referências Bibliográficas**

ABREU, Luis Alberto de. Processo Colaborativo: Relato e Reflexões sobre uma Experiência de Criação. Disponível em <http://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia>. Acesso em: 10/11/2016.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FRANCISCO, Antônio. **O ataque de Mossoró ao bando de Lampião**. Mossoró, Queimabucha, 2006. (Suporte: cordel).

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

JOSSO, Marie Christine. Da Formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

\_\_\_\_\_.Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_.Marie-Chistine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação**. Revista Fórum Identidades. Ano 2, Volume 4 – p. 37-50 – jul-dez de 2008